

## A Ética de Aristóteles e a rubrica “Pontos de vista”

Desde o início do ano lectivo e da minha entrada nesta Faculdade, em Outubro de 2011, que acompanho com especial interesse a rubrica “Pontos de vista”. Considero-a, também, uma forma de conhecer uma face mais pessoal dos Professores e dos novos Colegas. Alguns textos, por uma razão ou por outra, acabaram por permanecer na minha memória mais acessível. Não serão preocupações permanentes, mas sobretudo elementos de reflexão que frequentemente me vêm ao espírito, quando os seus temas se cruzam com alguma questão que exija a minha atenção.

As curtas férias da Páscoa submeteram-me a exigente prova: resistir ao persistente relacionamento dos textos que foram para mim mais impressionantes, com a leitura que fiz nesses dias. Por razões alheias às actividades académicas da FDUNL tive que consultar a *Ética a Nicómaco*<sup>1</sup>, para fundamentar o trabalho que estou a desenvolver sobre ética na negociação, no campo da gestão empresarial. Mas não é este o tema que me impele a escrever estas linhas. O acontecimento, para mim extraordinário, de que vos quero dar conta, foi como as palavras de Aristóteles, logo nas primeiras linhas, se relacionaram na minha mente com os temas da nossa coluna, tal era a identidade de preocupações.

Das questões apresentadas nos “Pontos de vista”, haverá certamente alguns temas que tocam de forma mais sensível cada um. A mim tocam-me mais incisivamente aqueles que aqui refiro. Em primeiro lugar, a importância que a cultura histórica tem na formação dos juristas, tema abordado pela Professora Cristina Nogueira da Silva<sup>2</sup>, que creio fazer-se sentir de forma acentuada nos profissionais forenses, com repercussões nefastas na nossa sociedade, pelo impacto das suas actuações.

Em segundo, a afirmação da Professora Teresa Pizarro Beleza<sup>3</sup>, para mim muito oportuna, no sentido de a ponderação do superior interesse da criança ser matéria que cabe ao juiz decidir, rodeando-se obviamente do conselho técnico dos especialistas que considere adequado consultar; é-me sempre doloroso assistir às discussões públicas em que “especialistas” em todas as áreas se pronunciam como deve ser o problema decidido, fazendo tábua rasa dos factos, valores, regras e circunstâncias que ao julgador cabe ponderar.

---

<sup>1</sup> ARISTÓTELES - *Ética a Nicómaco*. Trad. de Leonel Vallandro e Gerb Bornheim, 4ª ed., São Paulo: Nova Cultural, 1991 [Tradução da versão inglesa de W. D. Ross].

<sup>2</sup> *Acerca da educação e do saber útil*, em 10 de Outubro de 2011.

<sup>3</sup> Em 2 de Abril de 2012.

Não pude deixar de recordar estas notas, ao ler Aristóteles discorrer "*Ora, cada qual julga bem as coisas que conhece, e dessas coisas é ele bom juiz. Assim, o homem que foi instruído a respeito de um assunto é bom juiz nesse assunto, e o homem que recebeu instrução sobre todas as coisas é bom juiz em geral. Por isso, um jovem não é bom ouvinte de prelecções sobre a ciência política. Com efeito, ele não tem experiência dos factos da vida, e é em torno destes que giram as nossas discussões; além disso, como tende a seguir as suas paixões, tal estudo lhe será vão e improfícuo, pois o fim que se tem em vista não é o conhecimento, mas a acção. E não faz diferença que seja jovem em anos ou no carácter; o defeito não depende da idade, mas do modo de viver e de seguir um após outro cada objectivo que lhe depara a paixão. A tais pessoas, como aos incontinentes, a ciência não traz proveito algum; mas aos que desejam e agem de acordo com um princípio racional o conhecimento desses assuntos fará grande vantagem.*"<sup>4</sup>.

Outro tema que é presença assídua nos meus pensamentos são as apreciações críticas, por vezes agradavelmente satíricas, subjacentes a alguns textos do Professor João Caupers, relativamente à actividade política; é-me especialmente caro o "*Uma partida de monopólio*"<sup>5</sup>, mas são também inspiradores o seu "*Empobrecimento sem causa*"<sup>6</sup>, o "*Estamos lixados, sim! Mas não somos lixo!*"<sup>7</sup> e o "*Desfaçatez ou falta de vergonha*"<sup>8</sup>.

A memória destes textos fez-me sorrir quando reli as palavras de Aristóteles, "*Ninguém duvidará de que o [sumo bem] pertença à arte mais prestigiosa e que mais verdadeiramente se pode chamar a arte mestra. Ora a política mostra ser dessa natureza, pois é ela que determina quais as ciências que devem ser estudadas num Estado, quais são as que cada cidadão deve aprender, e até que ponto; e vemos que até as faculdades tidas em maior apreço, como a estratégia, a economia e a retórica estão sujeitas a ela.*"<sup>9</sup>. Ou, mais à frente, "*A consideração dos tipos principais de vida mostra que as pessoas de grande refinamento e índole activa identificam a felicidade com a honra; pois a honra é, em suma, a finalidade da vida política.*"<sup>10</sup>.

Por último, não pude deixar de me lembrar do Miguel Moura, colega que sabe que muito o estimo. Desde que li a sua intervenção "*Uma opinião sobre opiniões*"<sup>11</sup>, tenho

---

<sup>4</sup> Livro 1, capítulo 3, p. 7.

<sup>5</sup> 21 de Novembro de 2011.

<sup>6</sup> 19 de Dezembro de 2011.

<sup>7</sup> 24 de Outubro de 2011.

<sup>8</sup> 12 de Março de 2012.

<sup>9</sup> Livro 1, capítulo 2, p. 6.

<sup>10</sup> Livro 1, capítulo 5, p. 9.

<sup>11</sup> 7 de Novembro de 2011.

hesitado em manifestar-lhe as minhas dúvidas sobre a sua posição, aqui neste espaço. Aristóteles voltou a estimular-me as ideias e dissipou-me as dúvidas. Primeiro resolveu-me a hesitação relembrando-me que “(...), os mais ajuizados dirão que é preferível e que é mesmo nosso dever destruir o que mais de perto nos toca a fim de salvaguardar a verdade, especialmente por sermos filósofos ou amantes da sabedoria; porque, embora ambos nos sejam caros, a piedade<sup>12</sup> exige que honremos a verdade acima de nossos amigos.”<sup>13</sup>.

E a verdade é que Aristóteles nos deixou nesta obra algumas linhas sobre o tema da manifestação de opiniões e da causa porque o fazemos. Seguindo o filósofo grego, não parece que opinar seja uma questão de exercício de poder ou afirmação, mas antes uma exigência do tema que se aborda. Segundo o pensador, “*Nossa discussão será adequada se tiver tanta clareza como comporta o assunto, pois não se deve exigir a precisão em todos os raciocínios por igual, assim como não se deve buscá-la nos produtos de todas as artes mecânicas. Ora, as acções belas e justas, que a ciência política investiga, admitem grande variedade e flutuações de opinião, de forma que se pode considerá-las como existindo por convenção apenas e não por natureza*”<sup>14</sup>. Se bem entendo Aristóteles, há assuntos, como a ciência política, que admitem grande variedade de opiniões, trocadas em discussão, a qual terá a amplitude que o assunto comportar. Parece, pois, que Aristóteles não concordaria com o Miguel Moura; a opinião, mais do que necessária, é o método adequado para buscar a *verdade* nas acções cuja justeza não resida na sua própria natureza.

O que mais me apraz registar não é o “apoio” de Aristóteles à minha discordância com a posição do Miguel Calado Moura; é antes, e sobretudo, a consciencialização que o confronto das nossas opiniões pode permitir que nos aproximemos da verdade. Nas palavras do pensador, “*Ao tratar, pois, de tais assuntos [que admitem grande variedade de opiniões como as questões que a ciência política investiga] e partindo de tais premissas, devemos contentar-nos em indicar a verdade aproximadamente e em linhas gerais; e ao falar de coisas que são verdadeiras apenas em sua maior parte e com base em premissas da mesma espécie, só podemos tirar conclusões da mesma natureza. E é dentro do mesmo espírito que cada*

---

<sup>12</sup> Etimologicamente, *piedade* deriva da palavra grega *ensebeia* que é a conjunção de *eu* (bom ou correcto) e *sebornaie* (adorar); deve assim entender-se *piedade* como “adorar bem ou correctamente”. A tradução inglesa de Roger Crisp, editada pela Cambridge University Press, usa a expressão *sacred duty*, que me parece mais adequada ao sentido da frase; a tradução inglesa de David Ross, editada pela Oxford University Press, refere *piety*.

<sup>13</sup> Livro 1, capítulo 6, p. 10.

<sup>14</sup> Livro 1, capítulo 3, p. 7.

*proposição deverá ser recebida, pois é próprio do homem culto buscar a precisão, em cada género de coisas, apenas na medida em que a admite a natureza do assunto.”.*

É efectivamente estimulante a *nossa* coluna “Pontos de vista”. De tal modo, que só consegui dar sequência ao trabalho começado depois de concluir estas linhas.

*Declaro que o texto que apresento é da minha autoria, sendo exclusivamente responsável pelo respectivo conteúdo e citações efectuadas.*

Nuno Maldonado Sousa<sup>15</sup>

10 de Abril de 2012

---

<sup>15</sup> Aluno do 3º ciclo na FDUNL.